

## **A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE ANNE FRANK A PARTIR DE PUBLICAÇÕES DE SEU DIÁRIO**

Paula Alessandra Ribeiro Rodrigues<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduanda do 3º ano de História da Universidade Sagrado Coração. Artigo realizado sob a orientação dos professores Dra. Lourdes M. G. C. Feitosa e M.e. Roger M. M. Gomes para as disciplinas História do Brasil III e IV e História Contemporânea I.

### **RESUMO**

Propõe-se neste trabalho refletir a maneira como foi construída a imagem de Anne Frank através do conteúdo de duas publicações de seu diário no Brasil, nos anos de 1974 (Editora Círculo do Livro) e 2015 (Editora Record). Para tanto, será realizado um breve histórico sobre a situação da Europa no período que precedeu a Segunda Guerra, a ascensão do partido nazista na Alemanha e o antissemitismo. Será traçado um paralelo dos acontecimentos históricos com a situação de Anne e sua família, e o contexto em que seu diário foi escrito.

**Palavras-chave:** Anne Frank. Diário. Segunda Guerra. Nazismo.

### **INTRODUÇÃO**

O Holocausto é um tema que tem sido estudado e debatido nos mais diversos meios, através de livros, biografias, autobiografias, cinema, documentários entre outros. Uma das maneiras de evitar que algo semelhante aconteça novamente é contar a história a partir do ponto de vista daqueles que viveram as perseguições dos nazistas, o cotidiano dos campos de concentração, e perderam tudo, inclusive sua identidade. Uma das personagens mais conhecidas deste período é Anne Frank, uma jovem de origem judia que manteve um diário durante o tempo em que esteve escondida com sua família em um prédio na cidade de Amsterdã, na Holanda. Após uma denúncia, a família Frank foi levada para campos de concentração e nunca mais se reuniu. Com o fim da guerra, apenas o pai de Anne, Otto Frank conseguiu retornar. A confirmação da morte de Anne fez com que a amiga da família, Miep Gies, entregasse a Otto os cadernos e folhas que Anne havia escrito e que ela encontrara após a invasão da polícia nazista. No ano de 1947 o diário de Anne Frank é publicado pela primeira vez na Holanda, pela editora Contact.

Neste artigo serão analisadas as diferenças no conteúdo entre duas publicações de *O diário de Anne Frank* lançados no Brasil: uma do ano de 1974, impressa e encadernado pela editora Círculo do Livro e outra, definida como Edição Definitiva feita por Otto H. Frank e Mirjam Pressler, publicada pela editora Record em 2015, a fim de compreender a maneira que se deu a construção da imagem de Anne nos dois casos. A escrita de um diário, prática realizada por muitas pessoas, pode tornar-se uma grande fonte de análise de determinado período histórico:

Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado. (CUNHA, 2009, p. 252).

Para que fosse publicado pela primeira vez Otto Frank teve que efetuar algumas mudanças nos textos de Anne, solicitadas pela editora holandesa, a Contact. Mas antes de enviar o material datilografado para tentar uma publicação, Otto já havia feito algumas alterações. A própria Anne, que aspirava ser escritora após o fim da guerra, passou a reescrever algumas partes de seu diário para uma futura publicação. De acordo com Lefevere (2007, p. 104), “Anne Frank não foi, no entanto, a única editora do diário de Anne Frank.”

Diante dos pontos citados, será analisada nas duas publicações citadas acima as imagens construídas sobre Anne Frank, suas origens e circunstâncias em que escreveu seu diário; o contexto histórico dos períodos das publicações escolhidas e as diferenças no conteúdo de ambas, delineando de que forma pretendeu-se construir uma imagem da jovem.

## **A EUROPA EM EBULIÇÃO**

Mesmo após o término da Primeira Guerra Mundial, em novembro de 1918, o cenário europeu permanecia instável. A Alemanha ficou insatisfeita com os resultados do conflito. Neste contexto no ano de 1933, Adolf Hitler, líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, assumiu o poder com ideais de mudança e de restabelecer o lugar de destaque ocupado pela Alemanha nos tempos do Império. Com apoio direto e indireto da indústria, Hitler começou a reconstrução do país tendo como base seu rearmamento, que havia sido proibido pelo Tratado de Versalhes (TOTA, 2013).

Os acontecimentos apontavam cada vez mais para a eclosão de um novo conflito na Europa. A França e a Grã-Bretanha percebiam a necessidade de negociar com a emergente Alemanha em uma tentativa de manter a estabilidade e evitar outro confronto, que acarretaria em grandes danos:

Contudo, acordo e negociação eram impossíveis com a Alemanha de Hitler, porque os objetivos políticos do nacional-socialismo eram irracionais e ilimitados. Expansão e agressão faziam parte do sistema, e, a menos que se aceitasse de antemão a dominação alemã, ou seja, se preferisse não resistir ao avanço nazista, a guerra era inevitável, provavelmente mais cedo do que mais tarde. (HOBSBAWM, 2003, p. 155).

Um dos planos de Hitler era o de conquistar mais territórios no intuito de reunir o povo alemão numa Grande Alemanha. De acordo com a ideologia nazista, os alemães compunham uma raça superior e, portanto, possuíam o direito de um “espaço vital” que os acomodasse (TOTA, 2013). De modo surpreendente para os demais países europeus, Alemanha e União Soviética assinam um acordo de não agressão em 1939. Conforme afirma Tota (2013, p. 171), “Para a Alemanha Nazista um pacto de não agressão com a União Soviética poupava-lhe o risco de, em caso de guerra, ter que lutar em duas frentes.” O livre acesso à Prússia Oriental era reivindicado pela Alemanha, já que a Polônia se encontrava no meio do caminho. No mês de setembro de 1939, Hitler ordena a invasão da Polônia que foi atacada de surpresa:

A França e a Grã-Bretanha tinham compromissos de ajuda aos poloneses. Os dois países enviaram um ultimato à Alemanha exigindo a imediata paralisação da invasão. Hitler não se deu ao trabalho de responder. Diante disso, a França e a Grã-Bretanha não tiveram outra saída senão declarar guerra à Alemanha, em 3 de setembro. Iniciava-se uma primeira fase da guerra com vitórias espetaculares das forças nazistas e manifestações de arrogância de Hitler. A União Soviética ocupou

parte do território polonês, como havia sido acordado em protocolo secreto do tratado de 23 de agosto. (TOTA, 2013, p. 364).

A Segunda Grande Guerra havia começado e levava as potências europeias novamente ao palco de um conflito que abalaria o mundo todo. Alianças foram formadas neste momento já que Hitler demonstrava não estar disposto a negociar e agia de forma “[...] comprometida com destruição dos valores e instituições da ‘civilização ocidental’ da Era das Revoluções, e mais capaz de levar a efeito seu bárbaro projeto.” (HOBSBWAM, 2003, p. 147). O nazismo ganhava cada vez mais espaço e poder:

Daí em diante, iniciou-se a superexploração de mão de obra de trabalhadores judeus, poloneses e outras etnias. Nasceram também os famigerados campos de concentração, onde judeus e opositores dos nazistas eram internados. Posteriormente, aplicou-se a política da “solução final”, ou seja, a pura e simples eliminação dos judeus. (TOTA, 2013, p. 364).

## ANTISSEMITISMO

O programa do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, publicado em fevereiro de 1920, já trazia em seu conteúdo um teor antissemita. Em um dos seus itens declarava que cidadão era somente aquele que possuísse o sangue alemão, independentemente de seu credo. Portanto, todo judeu não poderia ser considerado como integrante do povo, devendo ser expulso do Reich (BURON; GAUCHON, 2013). Os judeus ocupavam em todo o território europeu expressivos papéis no cenário econômico, o que causava certo incômodo:

O anti-semitismo alcançou o seu clímax quando os judeus haviam, de modo análogo, perdido as funções públicas e a influência, e quando nada lhes restava senão sua riqueza. Quando Hitler subiu ao poder, os bancos alemães, onde por mais de cem anos os judeus ocupavam posições chave, já estavam qua-sejudenrein — desjudaizados —, e os judeus na Alemanha, após longo e contínuo crescimento em posição social e em número, declinavam tão rapidamente que os estatísticos prediziam o seu desaparecimento em poucas décadas. É verdade que as estatísticas não indicam necessariamente processos históricos reais: mas é digno de nota que, para um estatístico, a perseguição e o extermínio dos judeus pelos nazistas pudessem parecer uma insensata aceleração de um processo que provavelmente ocorreria de qualquer modo, em termos da extinção do judaísmo alemão. (ARENDE, 1979, p. 23).

Com a ascensão de Hitler ao poder, as medidas contra os judeus foram intensificadas, e para esta população viver na Alemanha neste momento tornava-se cada vez mais difícil. Segundo Hobsbawm (2003, p. 151) “Os ataques à cultura ‘modernista’, a queima pública de livros ‘judeus’ e outros indesejáveis, começaram quase com a entrada de Hitler no governo.” O povo alemão era convocado a um boicote geral aos judeus que, como cita Müller (2001, p. 57), “Foi o prelúdio de um dilúvio de decretos antijudaicos que excluíram os judeus de todas as esferas da vida pública. O prelúdio do isolamento.”

As humilhações tornaram-se constantes e alguns judeus já eram enviados aos campos de concentração que haviam sido criados para detenção daqueles que contrariassem o regime nazista. Posteriormente, estes campos passaram a receber exclusivamente judeus que na maioria das vezes, tinham como destino a tortura e morte (SANTOS, 2012). Os intelectuais de origem judaica eram demitidos e sofriam ataques, pois “[...] escolas e universidades,

deveriam ser ‘purificadas’”. (MÜLLER, 2001, p. 58). O terror e o medo eram armas utilizadas contra esta população:

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica. (ARENDDT, 1979, p. 25).

O número de judeus que fugiam da Alemanha em busca de um lugar seguro para viver aumentava. Um dos locais procurados era a Holanda, que registrava a cada ano uma entrada maior de judeus em seu território (MÜLLER, 2001). Como o país parecia ser uma alternativa adequada, a família Frank muda-se para Amsterdã em 1933.

## **A FAMÍLIA FRANK**

Nascido na Alemanha em maio de 1889, Otto Heinrich Frank fazia parte de uma família judaica liberal e não praticava os rituais religiosos do judaísmo. Por um curto período estudou Economia na Universidade de Heidelberg e durante a Primeira Guerra Mundial lutou pelo exército da Alemanha, onde chegou a Tenente. Após o término do conflito ocupou um cargo no banco que herdou de seu pai, num período de crise econômica.

Em janeiro de 1900 na cidade de Aachen (Alemanha) nasce Edith, a mais nova de quatro filhos de Rosa e Abraham Holländer. Diferentemente da família de Otto, os Holländer eram fervorosos praticantes do judaísmo e participavam da Comunidade Judaica de Aachen. Ao completar dezesseis anos, a jovem Edith concluiu o ensino secundário em uma escola particular destinada a meninas. O ano de 1925 marcaria o início da família de Anne. No mês de abril, Otto e Edith que haviam se conhecido no período em que ele trabalhava no banco que herdara do pai, anunciam o noivado. Um mês depois os dois se casam e Edith muda-se com Otto para a cidade de Frankfurt am Main (SANTOS, 2012). Nos primeiros anos após o casamento, o jovem casal viveu na mesma casa dos pais de Otto conforme a tradição da família de ambos. Em março de 1926 nasce sua primeira filha a quem deram o nome de Margot Betty. Embora a tradição familiar previsse que todos morassem juntos: pais, filhos e netos, Edith nutria o desejo de ter sua própria casa, seguindo os novos costumes que eram próprios de sua época:

A geração jovem se emancipava, queria – apesar de seu amor e solidariedade para com a família – levar vida própria. Em meados de 1927 – Margot aprendera recentemente a andar –, a família alugou enfim sua primeira residência em Marbachweg, na altura de Bertram, na periferia de Frankfurt. Se já era um tanto quanto incomum ocupar uma residência própria na mesma cidade, a escolha da parte da cidade surpreendeu bastante. (MÜLLER, 2001, p. 27).

O período após o nascimento de Margot foi bem-sucedido em termos comerciais e a situação da economia na Alemanha parecia adquirir estabilidade após anos de turbulência. A família de Otto além de ser proprietária de negócios bancários, administrava a fonte de Bad Soden e possuía uma empresa que fabricava pastilhas minerais no mesmo local, utilizadas para casos de tosse e rouquidão. Durante o final dos anos 1920 foi Otto que dirigiu os

negócios. Três anos após o nascimento de Margot a casa da família Frank ficaria mais barulhenta com a chegada de Annelies Marie. A manhã do dia 12 de junho de 1929 foi escolhido por Anne para vir ao mundo. Com aproximadamente 54 cm de comprimento e pesando mais de quatro quilos, a caçula de Otto e Edith nasceu na clínica da União Patriótica das Mulheres em Frankfurt. Dois dias após o nascimento Margot foi juntamente com a avó materna conhecer a irmã, e ao contrário do que pensavam os pais, não reagiu com ciúmes (MÜLLER, 2001).

O ano de 1929 foi conturbado no setor econômico, marcado principalmente pela crise da bolsa de Nova York que afetaria os mercados globais. Na Alemanha além dos problemas financeiros reinava a insatisfação decorrente da derrota do país na Primeira Guerra Mundial, e “[...] a superfície de calma escondia tensões e contradições que começaram a aflorar ao longo da década de 1920.” (TOTA, 2013, p. 358). A família Frank logo foi afetada pelas mudanças drásticas na economia, e de acordo com Müller (2001, p. 34): “O movimento do banco caiu em 90 por cento. E também foi mal das pernas o negócio em Bad Soden com as pastilhas para tosse”. O período de crise na Alemanha atravessou os anos 1920 e estendeu-se até os anos 1930 com aumento do desemprego, problemas para os agricultores, e pessoas que viam suas poupanças esvaírem (SANTOS, 2012).

A cidade de Frankfurt abrigava cerca de trinta mil judeus no ano de 1929, número que correspondia a cerca de 5,5% de sua população e, conforme cita Santos (2012), “Muitas organizações Judaicas tiveram um papel importante no desenvolvimento da cidade”. Mas durante o período de crise era necessário encontrar alguém para jogar a culpa, e então,

Os culpados logo foram encontrados – os judeus. Todos os judeus eram iguais. Portanto, agora se podia dizer em voz alta: o judeu, quem mais poderia ser privado de propriedade e dinheiro o ariano, respeitável e honesto, nobre e honrado, esforçado e forte. O judeu é nossa desgraça, os desempregados ouviam da direita fanática, as crianças ouviam dos pais. O mal reina no judeu (MÜLLER, 2001, p. 35).

Por mais que a situação fosse extremamente delicada tanto na economia quanto na política, Otto e Edith esforçavam-se ao máximo para que as filhas não fossem influenciadas por estes fatores. No entanto, a ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e a chegada de Hitler ao poder em 1933 tornou a situação da família Frank e de milhares de judeus que viviam na Alemanha ainda mais delicada. Permanecer ali não era seguro. Uma das opções viáveis era a mudança para a Holanda, pois “[...] estava próxima da pátria e – como a Suíça – tinha ficado neutra na Primeira Guerra Mundial. Os holandeses eram um povo liberal e tolerante [...]. Os judeus de Amsterdã levavam uma vida integrada.” (MÜLLER, 2001, p. 55).

## **NOVA VIDA EM AMSTERDÃ**

Com o destino definido Otto viaja até Amsterdã já no verão de 1933, pois precisava definir sua situação econômica e organizar a vinda de Edith e das filhas para a nova cidade. Após algumas dificuldades iniciais em setembro de 1933 a “Sociedade Anônima Holandesa Opekta” é fundada por Otto. Entre as atividades da Opekta estavam a produção e comercialização de produtos de frutas, com destaque para a pectina (MÜLLER, 2001). No fim deste mesmo ano toda a família estaria reunida novamente em uma casa situada em Merwedeplein. Os Frank não eram os únicos judeus que chegavam na região, e Müller (2001, p. 73) cita que “[...] na virada de ano de 1933 para 1934, as autoridades holandesas de imigração contaram 4.200 refugiados judeus da Alemanha [...]”.

A adaptação à vida na Holanda aconteceu gradualmente. Anne e Margot passaram a frequentar a escola e a familiarizar-se com o novo idioma, e logo estavam cercadas de novos amigos. O casal Frank mantinha as portas de sua casa abertas, sendo que, “Os amigos e amigas das filhas, holandeses e crianças emigrantes, eram sempre bem-vindos. E eles iam com prazer.” (MÜLLER, 2001, p. 83). Na superfície da vida cotidiana a situação parecia tranquila, mas o contato com os familiares que ainda viviam na Alemanha trazia angústia e incerteza:

Em Setembro de 1938 os judeus não teriam mais lugar na economia alemã. As políticas antissemitas intensificaram-se ainda mais, cada vez mais negócios judeus eram apropriados por arianos. Os dias de 9 a 11 de Novembro de 1938 são recordados como o primeiro grande ataque de violência aos judeus. [...] A 12 de Novembro começaram as detenções em massa dos judeus, onde cerca de 30 mil foram enviados para campos de concentração (SANTOS, 2012, p. 13)

O início da Segunda Guerra Mundial em 1939 fez com que o medo retornasse à superfície. A Polônia havia sido invadida pelos nazistas e os judeus que viviam ali sofreram ataques violentos e humilhações aterrorizantes. Otto se questionava sobre a segurança de sua família na Holanda, por sua localização tão próxima da Alemanha. E o pesadelo se fez real na manhã de 10 de maio de 1940, quando “Pérfidas como piratas de um século desaparecido muito tempo antes, as tropas alemãs invadiram a Holanda [...]” (MÜLLER, 2001, p. 127). Diversas medidas restritivas contra os judeus passam a ser colocadas em prática após a invasão nazista na Holanda. Ataques, prisões e execuções tornam a situação cada vez mais insustentável, colocando em cheque a segurança da população de judeus que morava ali. A identificação com a estrela amarela onde estava escrito a palavra “Jood” passou a ser obrigatória em 1942 (SANTOS, 2012).

Em junho de 1942 a SS convoca o Conselho Judaico para uma reunião onde receberam a informação de que judeus entre 16 e 40 anos seriam enviados para campos de trabalho na Alemanha, e todos os convocados deveriam apresentar-se ou haveriam consequências. No mês de julho a família Frank recebeu uma notificação por escrito da Central de Emigração Judia: Margot deveria se apresentar pois seria enviada para o campo de Westerbork, situado na Alemanha. Não restavam dúvidas de que era o momento de desaparecer e mudar-se para o esconderijo que Otto estava preparando há algum tempo para a família. “Claro que eles entrariam na clandestinidade. Amanhã de manhã mesmo. Em cerca de 12 horas, portanto. Nada de pânico, tudo havia sido planejado muito tempo antes”. (MÜLLER, 2001, p. 186).

## **O ANEXO SECRETO**

A notificação destinada a Margot adiará em dez dias a mudança para o esconderijo. No dia 6 de julho de 1942 a família Frank seguiu em direção ao número 263 da Prinsengracht levando aquilo que fosse possível carregar sem despertar suspeitas. A antiga casa da família foi deixada de modo que aparentasse uma fuga inesperada, e alguns boatos foram espalhados com o intuito de despistar o verdadeiro destino dos Frank. Durante o período em que estariam na clandestinidade, contariam com a ajuda e total sigilo dos amigos: Victor Kugler, Johannes Kleiman, Miep Gies, Bep Voskuijl e seu pai (MÜLLER, 2001).

O esconderijo foi providenciado em alguns cômodos vazios atrás do escritório da Opekta. Em 13 de julho mais quatro integrantes chegariam ao local: Hermann, Auguste, Peter

van Pels e seu gato Mouchi. Conviver por um período incerto em um espaço pequeno não seria tarefa fácil, conforme citado por Müller (2001, p. 197):

Quatro adultos, três quase adultos e ainda por cima o gato preto e ronronante de Peter, que ele levava para o esconderijo, contrariando o que havia sido combinado, todos em cinquenta metros quadrados – sufocantemente quente no verão porque, é claro, as janelas tinham de ficar sempre fechadas, e frio de rachar no inverno porque muitas vezes o reduzido fogão não produzia calor suficiente; todos em quartos pequenos como celas de prisão. Com uma diferença decisiva: na prisão se sabe onde se está. Na prisão, pelo menos, a pessoa sabe ao certo qual é seu destino. No esconderijo, é preciso estar sempre alerta.

No mês de novembro o dentista Fritz Pfeffer que também era amigo dos Frank foi esconder-se na Prinsengracht 263. Na época com cinquenta e três anos, o dentista passou a dividir o quarto com Anne, travando com ela inúmeros conflitos.

A situação extrema vivenciada pelos moradores do Anexo Secreto refletia nos relacionamentos. Diferentes personalidades entravam em choque a todo momento, e o medo de serem traídos era constante. Uma das maneiras encontradas por Anne foi desabafar através da escrita. Durante o período em que esteve escondida, o diário foi sua melhor amiga e confidente – processo que foi interrompido com a descoberta do esconderijo em 4 de agosto de 1944. Então, os oito integrantes são presos e levados para o campo de passagem de Westerbork, e posteriormente são encaminhados para Auschwitz-Birkenau. Otto é o único a retornar para Amsterdã após a guerra. (MÜLLER, 2001).

## **ANNE FRANK E A ESCRITA DO DIÁRIO**

No aniversário de treze anos Anne ganhou o sonhado caderno de capa xadrez que havia lhe chamado a atenção na vitrine de uma livraria na esquina com Waalstraat durante um passeio com o pai. Neste período a escrita já fazia parte da vida dela, embora não compartilhasse isto com suas amigas. Portanto, naquela manhã de sexta-feira, 12 de junho de 1942,

Anne Frank estava inquieta, além de tensa, embora já soubesse o presente que mais desejava. Entre flores e inúmeros outros pacotinhos – mais ainda do que ela sonhara – lá estava o pequeno livro, quase quadrado, encadernado num tecido de linho bruto, enxadrezado em vermelho e delicado verde claro (MÜLLER, 2001, p. 167).

A partir deste momento ela poderia manter um diário onde pudesse expressar seus sentimentos de uma maneira que não poderia fazer com qualquer outra pessoa. Na primeira entrada de seu diário, ainda no dia de seu aniversário: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.” (FRANK, 2015, p. 19).

Anne era considerada uma menina falante e por vezes foi repreendida em sala de aula por este comportamento. Também sempre esteve rodeada de amigos, mas registra em seu diário, em uma das primeiras passagens, que um dos motivos que a levou a escrever foi justamente por sentir-se solitária e sem amigos (UMBACH, 2014). Quando precisou arrumar suas coisas para ir ao esconderijo, a primeira coisa que separou para levar foi o diário “[...] como se pressentisse o papel que ele teria em sua vida futura.” (MÜLLER, 2001, p. 212-213).

Os conflitos com a mãe, os desafios da adolescência, o afeto pelo pai, um relacionamento com a irmã que não considerava como ideal, a clausura, a guerra e a situação

dos judeus transformaram-se em inúmeras páginas escritas, e segundo Martins e Azevedo (2016, p. 110-111),

Os registros do seu diário partilham com o leitor diversos patamares da cultura escrita, caracterizado por descrições, que ocultam atrás de uma pretensa simplicidade as análises e reflexões mais complexas sobre a sua existência, a existência do humano, os valores que estruturam, ou desestruturam, as sociedades e o indivíduo, e as suas relações, no âmbito da evolução de um humanismo civilizacional.

Cerca de dois meses após chegar ao Anexo Secreto que Anne começa a escrever com maior regularidade em seu diário, “Por volta de setembro de 1942, ela enfim teve a ideia de redigir suas anotações em forma de carta [...]”. (MÜLLER, 2001, p. 213). As cartas passam a ser endereçadas a amigas que Anne inventou, baseada nos personagens do livro “Joop ter Heul” de Cissy van Marxvelt – um folhetim de quatro tomos lido no período em que ainda vivia livre e depois quando já estava no Anexo Secreto. Um dos hábitos que cultivava era a leitura e teve forte influência em seu amadurecimento como pessoa e como escritora (MÜLLER, 2001). O próprio diário recebe o nome de Kitty, a quem Anne endereça seus sentimentos e reflexões mais profundos, escrevendo em 20 de junho de 1942:

A fim de destacar na minha imaginação a figura da amiga por quem esperei tanto tempo, não vou anotar aqui uma série de fatos corriqueiros, como faz a maioria. Quero que este diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de Kitty (FRANK, 1974, p. 11).

A escrita exerceu papel fundamental na vida de Anne que desejava no futuro tornar-se escritora ou jornalista e além de manter o diário, também escrevia outros tipos de textos como contos, fábulas e outras histórias (SANTOS, 2012). Em março de 1944 ao ouvir uma transmissão da Rádio Laranja do ministro holandês da Cultura e da Educação, Gerrit Bolkestein – exilado em Londres, Anne decide revisar seus escritos para uma publicação futura, no período pós-guerra. Uma das decisões que ela toma é a mudança dos nomes dos moradores do esconderijo para que não fossem identificados. No dia 29 de março de 1944 anota em seu diário:

O ministro Bolkestein, falando no noticiário holandês transmitido da Inglaterra, declarou que depois da guerra farão uma coletânea de diários e cartas que falem da guerra. Claro que todo mundo se lembrou imediatamente de meu diário. Imagine como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto. Só o título faria as pessoas acharem que é uma história de detetives (FRANK, 2015, p. 299).

## **EDIÇÕES ANALISADAS**

Quando a guerra acabou e Miep percebeu que Anne realmente não retornaria, entregou a Otto as anotações da filha que havia guardado sem ler. No ano de 1947 é publicado pela primeira vez na Holanda com alterações, pela editora Contact sob o título de *Het Achterhuis* com tiragem de 1.500 exemplares (MORONI, 2005). Há três versões do diário que se diferenciam, sendo denominadas A, B e C. A versão A é composta pelos textos de Anne antes de sua própria revisão, seus textos originais. Na versão B estão seus textos após sua própria revisão, e por fim, a versão C reuniu os textos das versões A e B mais os textos encontrados por Miep e Bep espalhados pelo chão do Anexo Secreto (MARTINS; AZEVEDO, 2016).



A edição integral produzida pela editora Círculo do Livro é datada de 1974 e foi publicada sob licença da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A, com 234 páginas. A Círculo do livro foi fundada em 1973 pela editora Abril em conjunto com a Bertelsmann e funcionava como um clube do livro, o que não era novidade no Brasil naquele período. De acordo com Hallewell (1985, p. 573) “O sistema da Bertelsmann [...] baseia-se na distribuição pelo correio de uma revista promocional quinzenal gratuita, da qual pelo menos um livro (dentre cerca de uma dúzia) deve ser encomendado para se continuar filiado ao clube.” Nos anos 1960 percebe-se um aumento do mercado editorial brasileiro, e Maués (2006, p. 29) aponta que “Desenvolve-se uma forte classe média urbana consumidora de livros, seja para estudo, seja para desenvolvimento profissional ou entretenimento, a qual será, ao lado do poder público e da expansão do ensino, o esteio do crescimento do setor editorial.” Quando esta edição foi publicada, o Brasil passava pelo período da Ditadura Militar e era governado pelo General Emílio Garrastazu Médici. O momento era de intensa censura à imprensa e repressão política contra aqueles que contrariavam o regime militar. Apesar do chamado “milagre econômico” verificado no período, a concentração de renda é fortemente identificada (MAUÉS, 2006).

A outra edição escolhida para análise foi publicada recentemente (2015) pela Editora Record. Com 414 páginas é chamada de Edição Definitiva e foi organizada por Otto Frank e Mirjam Pressler. Após a morte de Otto em 1980, devido a dúvidas quanto a autenticidade do diário, foram feitas investigações e concluiu-se que o documento era realmente verdadeiro. Então foi publicada a chamada The Critical Edition, composta por todas as versões do diário (integral), uma contextualização sobre a família de Anne e os resultados das investigações sobre a autenticidade. No entanto, The Critical Edition ainda não possui publicação no Brasil. No prefácio da publicação de 2015 explica-se que esta edição foi baseada em grande parte pela versão B do diário e que os comentários realizados por Anne escritos após a entrada original, são destacados para que o leitor compreenda a diferença. Mesmo depois de tanto tempo de sua primeira publicação o relato de Anne continua aparecendo entre os mais vendidos: “No Brasil, o relato da adolescente judia está há mais de cem semanas nas listas elaboradas semanalmente pela revista *Veja* e o jornal *Folha de S. Paulo*.” (JANSEN, 2016).

## CONSTRUÇÃO DE ANNE FRANK

A publicação póstuma do diário de Anne Frank acarretou em algumas modificações no conteúdo original. Como seria transformado em um livro, certas adequações foram necessárias tanto por parte de Otto quanto da Editora Contact. Alguns trechos em que Anne expressava seus sentimentos profundos em relação aos membros do Anexo e de sua família, principalmente a mãe, sexualidade e as transformações pelas quais seu corpo passava foram cortadas: “No final, [Otto] datilografou os diários e reuniu todas as anotações que lhe pareceram ‘essenciais’ como documento de época da Segunda Guerra Mundial. As tiradas de Anne vociferando contra a mãe ou contra Fritz Pfeffer foram excluídas, bem como todos os pensamentos sobre o despertar sexual.” (MÜLLER, 2001, p. 317). Além das questões citadas anteriormente, haviam questões legais relacionadas a outras pessoas que foram escritas no diário e não deveriam ser publicadas (MORONI, 2005).

Percebe-se então que uma imagem sobre Anne Frank precisava ser construída para que fosse viável a publicação de seu diário, pois suas ideias e reflexões mais íntimas não agradariam alguns grupos. Cabe ressaltar a citação de Lefevere (2007, p. 101) de que “Uma comparação entre a edição original do diário, de 1947 em Holandês, e o material recolhido na edição de 1986, propicia-nos um *insight* sobre o processo de ‘construção’ da imagem da

escritora, tanto por ela mesma quanto por outros.” Na passagem do dia 27 de setembro de 1942, na edição da *Círculo do Livro*, Anne descreve da seguinte maneira uma briga com a mãe:

Querida Kitty

Acabo de ter uma tremenda discussão com mamãe; simplesmente não nos estamos entendendo mais. Minhas relações com Margot também não são das mais cordiais. Em geral, não costumamos ter desses estouros em nossa família, e confesso que acho isso muito desagradável mesmo. Os temperamentos de Margot e de mamãe são totalmente diferentes do meu. Compreendo meus amigos muito melhor do que minha própria mãe – e isso não é nada bom. Frequentemente discutimos problemas de pós-guerra; como por exemplo a maneira de tratar os empregados (FRANK, 1974, p. 34).

Já na edição da Editora Record, algumas partes do texto são diferentes e informações são acrescentadas. Também aparece a figura do pai, omitida no trecho anterior:

Querida Kitty,

Hoje, mamãe e eu tivemos uma discussão, digamos assim, mas a parte chata foi que eu caí no choro. Não consigo evitar. Papai é *sempre* tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor. Nessas horas, não suporto mamãe. É óbvio que sou uma estranha para ela; ela nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples.

Estávamos falando das empregadas e sobre o fato de que hoje em dia devemos chamá-las de auxiliares domésticas. Ela disse que quando a guerra terminar será assim que elas vão querer ser chamadas. Eu não vejo nada desse jeito. Então ela comentou que eu falava com muita frequência sobre depois e que ajo como se fosse uma *lady*, mesmo não sendo, mas não acho que construir castelos de areia no ar seja uma coisa tão terrível, desde que você não leve isso muito a sério. De qualquer modo, papai costuma me defender. Sem ele, eu não conseguiria ficar aqui.

Também não me dou muito bem com Margot. Mesmo nossa família não tendo o mesmo tipo de brigas que eles têm lá em cima, não acho isso nada agradável. A personalidade de Margot e a de mamãe são muito estranhas para mim. Compreendo minhas amigas melhor do que minha própria mãe. Não é o fim? (FRANK, 2015, p. 65-66).

Na edição de 1974 não há o registro do dia 12 de julho de 1942, onde Anne comenta sobre as maneiras diferentes com que ela e Margot são tratadas. Em um trecho do dia 12 de julho de 1942 publicado na edição de 2015, Anne se expressa sobre a dificuldade de se encaixar no ambiente familiar:

Eu não me adapto a eles, e senti isso claramente nas últimas semanas. Eles são muito sentimentais juntos, mas prefiro ser sentimental sozinha. Estão sempre comentando que as coisas vão muito bem entre nós e que nos damos muito bem, mas não pensam um segundo do fato de que eu não me sinto assim. Papai é o único que me compreende, embora geralmente fique do lado de mamãe e Margot (FRANK, 2015, p. 51).

Em setembro deste mesmo ano, Anne acrescenta um comentário nesta entrada onde escreve: “Papai é tão bom! Ele me entende perfeitamente, e eu gostaria que algum dia pudessemos falar de coração para coração sem que eu caia logo no choro. Mas acho que isso tem a ver com minha idade.” (FRANK, 2015, p. 52).

Os livros que Anne tinha acesso no Anexo Secreto eram previamente analisados por seus pais. Diversas vezes, ela inseriu comentários sobre as suas leituras. Em 3 de outubro de

1942, publicada pela Record – omitida na versão de 1974, Anne escreve sobre o livro *Eva's jeugd*:

Num determinado ponto Eva também queria ter um bebê. Ela pegou um xale de lã e estendeu-o no chão para que o ovo pudesse cair nele, e então se agachou em cima e começou a fazer força. Ela olhava enquanto esperava, mas não saiu nenhum ovo. Finalmente, depois de ficar sentada durante muito tempo, saiu uma coisa, mas era uma salsicha, e não um ovo. Eva ficou envergonhada. Pensou que estava doente. Engraçado, não é? Também há umas partes em *Eva's jeugd* que falam de mulheres que vendem os corpos nas ruas e pedem muito dinheiro. Eu ficaria envergonhadíssima diante de um homem dessa maneira. Além disso, o livro fala da menstruação de Eva. Ah, eu estou louca para chegarem as minhas regras – finalmente serei adulta (FRANK, 2015, p. 77)

Quando um livro vai ser publicado precisa atender a diversos fatores, e no caso da publicação do diário de Anne Frank não foi diferente. Cada edição analisada apresenta características próprias do seu contexto e período de publicação. As imagens que se pretendiam construir sobre Anne também estão de acordo com o período em que foram publicadas. De fato, a versão crítica contendo todo o material escrito por Anne somente foi publicada após a morte de Otto, em 1980. Moroni (2005, p. 12) ressalta que estas edições

[...] justamente por cumprirem propósitos diferentes, não devem ser consideradas melhores ou piores umas das outras. O que elas têm em comum, no entanto, é serem um livro – e não os diários originais. Portanto, devem ser vistas como livro, que foi submetido a um processo de edição, antes que como um diário. E se originalmente, no momento de ser escrito, um diário é desprovido de auto-censura, sua publicação prevê uma alteração importante no contexto em que ele se insere.

Portanto em cada publicação escolheu-se definir trechos que mostrassem uma faceta de Anne conforme o contexto de publicação. A própria Anne revisou seus textos quando teve a intenção de publica-los no pós-guerra, a fim de filtrar aquilo de si e dos outros que poderia ser revelado ao público.

## CONCLUSÃO

Anne Frank produziu um dos relatos mais marcantes da Segunda Guerra Mundial. Seus escritos revelam que apesar da pouca idade, sua maturidade e senso crítico eram bem apurados. Ela lançou um olhar único diante da brutalidade do antissemitismo, do medo da morte, tudo isso em um momento de constantes transformações internas e externas:

O diário de Anne Frank, além de se constituir como uma narrativa de cariz pessoal, reporta também para análises e reflexões mais abrangentes de índole política, social, cultural, ética e ontológica. Revela ao leitor valores sobre a guerra, a sobrevivência, a morte, o sofrimento, a igualdade ou o desrespeito pelos direitos humanos (MARTINS; AZEVEDO, 2016, p. 112).

Ela encontrou na escrita uma forma de expressar tudo aquilo que sentia e a maneira como enxergava o mundo, a ajudava a manter sua estrutura psíquica (SANTOS, 2012). O diário de Anne Frank passou por diversas edições e por uma auto edição (no momento em que inicia a revisão de seus escritos). Em cada uma é possível verificar a necessidade de adequação da imagem da adolescente, por diferentes motivos:

Sei exatamente como gostaria de ser, como sou...por dentro. Mas, infelizmente, só sou assim comigo mesma. E talvez seja por isso – não, tenho certeza de que este é o motivo – que penso em mim como uma pessoa feliz por dentro, e os outros pensam que sou feliz por fora. Sou guiada pela Anne pura, de dentro, mas por fora sou apenas uma cabrita dando saltos, forçando a corda à qual está amarrada. [...] e tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se... se não houvesse mais ninguém no mundo.

Sua Anne M. Frank (FRANK, 2015, p. 403-404).

E desta maneira Anne faz a última anotação de seu diário, em 1 de agosto de 1944, e conforme cita no início desta passagem sente-se como um “feixe de contradições”.

## THE BUILDING OF ANNE FRANK'S IMAGE FROM THE PUBLICATIONS IN HER DIARY

### ABSTRACT

This study aims to reflect the way Anne Frank's image was built through the contents of two publications of her diary in Brazil, one in 1974 (publishing company *Circulo do Livro*) and the other in 2015 (publishing company *Record*). Thus, we will prepare a brief history of the situation of Europe in the run-up to World War II, the rise of the Nazi party in Germany, and anti-Semitism. A parallel of historical events will be drawn with the situation of Anne and her family, and the context in which her diary was written.

**Keywords:** Anne Frank. Diary. World War II. Nazism.

### REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. [S.l.]: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1979, p. 23, 25. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_arendt\\_origens\\_totalitarismo.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_arendt_origens_totalitarismo.pdf)>. Acesso em: 29 maio 2016.

BURON, Thierry; GAUCHON, Pascal. Programa do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História Contemporânea através de textos*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2013 (Coleção Textos e Documentos v. 5), p. 150.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 252.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Tradução Elia Ferreira Edel. Edição integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1974, 234p.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Tradução Alves Calado. 49 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. 414p.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985, 693p. em várias paginações.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 598p. em várias paginações.

JANSEN, Roberta. “Diário de Anne Frank”, um fenômeno inesgotável no Brasil. *Deustche Welle*, Rio de Janeiro, 19 jul. 2016. Cultura. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/di%C3%A1rio-de-anne-frank-um-fen%C3%B4meno-inesgot%C3%A1vel-no-brasil/a-19409590>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

LEFEVERE, André. Tradução: Ideologia sobre a construção de diferentes Anne Franks. In: \_\_\_\_\_. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru: EDUSC, 2007. p. 104.

MARTINS, Jorge Manuel Passos; AZEVEDO, Fernando. O diário: uma representação polifônica do Eu. Reflexões sobre a obra O diário, de Anne Frank. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, v. 38, n. 1, p. 105-114, Jan-Jun. 2016.

MAUÉS, Flamarion. O mercado editorial de livros no Brasil no período da abertura (1974-1985). *Educação em Debate*, [S.l.], v. 1, n. 51/52, p. 26-35, 2006. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15234/1/2006\\_art\\_fmepsilva.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15234/1/2006_art_fmepsilva.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2016.

MORONI, Andréia. A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005. [S.l.], p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0936-1.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2016.

MÜLLER, Melissa. *Anne Frank: uma biografia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 395p. em várias paginações.

PEDRO, Antonio. O pacto nazi-soviético. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História Contemporânea através de textos*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2013 (Coleção Textos e Documentos v. 5), p. 171.

SANTOS, Marta Magalhães dos. Um olhar sobre o “Diário de Anne Frank.”. 2012. 61f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Instituto Universitário. [S.l.]. Disponível em: <<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2607/1/14668.pdf>>. Acesso em 30 de maio 2016.

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das Guerras*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 359-364.

UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer. Escritas da vida: narrativas culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Belém, n. 24, p. 159-171, 2014. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/edicoes/detalhe/?id=25>>. Acesso em: 15 ago. 2016.